



# TABUS LINGÜÍSTICOS

R. F. Mansur Guérios

(continuação)

## 13. A NOITE E O PODER DAS TREVAS.

A escuridão sempre apavorou os homens, quer a que se verifica com a noite, quer a que se manifesta com os eclipses, quer, enfim, a dos lugares esconsos ou não dotados de luz. Tal se explica pela crença de que os espíritos malignos agem no escuro, e, por outro lado, não é sem razão que a Bíblia fala no **poder das trevas**.

Se a escuridão causa pavor, não é de admirar que as palavras que a traduzem — “trevas”, “noite”, “escuro”, etc. — sejam tabuizadas, e não só, senão ainda, entre muitos povos, vários assuntos, frases ou palavras não podem ser proferidos durante a noite.

E o lugar onde jazem os espíritos é a própria escuridão (89-b). “Na mitologia grega e romana, os Infernos são os lugares subterrâneos onde descem as almas depois da morte para ser julgadas, e receber o castigo dos seus crimes ou a recompensa das boas ações”. “Êsses lugares subterrâneos, situados a uma profundidade incomensurável, em baixo da Grécia e da Itália, estendiam-se até os extremos confins do mundo então conhecido; e assim como a Terra era cercada pelo rio Oceano, êles eram circunscritos e limitados pelo reino da Noite” (90).

Entre os Romanos, as palavras **inferi** (“habitantes do mundo subterrâneo”), **inferiae** (“sacrifício oferecido aos manes”), **inferni**

---

(89-b) Mas, pode suceder, como entre os Caiovás, que acendem uma fogueira sobre a sepultura do índio, na noite do entêro, apenas para “a alma encontrar o caminho para o Além” (EGON SCHADEN, **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**, vol. n. 118, Fac. Filos. da Univ. de S. Paulo, 1954, p. 156).

(90) P. COMMELIN, **Nova Mitologia Grega e Romana**, trad., 4.<sup>a</sup> ed., p. 216.

(“infernus, morada dos deuses **inferi**”) foram tomadas a um dialeto itálico não identificado. As correspondentes, com **-d-**, puramente latinas — **\*inderi**, **\*inderiae**, **\*inderni** — de propósito evitadas, incompletamente, porque, de uso religioso, “têm relação com um mundo que se evitava nomear, o dos seres subterrâneos, dos mortos...” (91). Cp. as frases gregas de vários autores — **hupò gên eînai**, “estar sob a terra, nos infernos”; **oì hupò chthonós**, “os que estão sob a terra, os mortos”; **hupò chthonós Tártaros**, “o Tártaro sob a terra”; **dómon Haidos eíso**, “descer sob a terra, na morada de Hades, i. é, morrer”; **oì mákares chthónioi**, “os felizes terrestres, i. é, os deuses infernais”, etc.

Entre os Sumeros **Giguna** e **Aráli**, entre os Assírios e Babilônicos **Arálu** é o “mundo subterrâneo, a habitação das trevas”.

Na mitologia mundurucu — **ipirawat** — é o “habitante do interior da terra” (C. Strömer).

O fenômeno se repete na atualidade. No inglês, evita-se, às vezes, o nome do inferno **hell**, substituído pelo desfigurado **heck**, de origem dialetal.

Se bem que no Brasil, em geral, não se evita **inferno**, é, nas imprecações populares, substituído por **quintos** — “vá para os quintos!” — que parece, contudo, abreviação de **quintos dos infernos**.

“Tanto na Grécia como na Itália, era crença geral que tôdas as cavernas, tôdas as anfractuosidades, as fendas do solo cuja profundidade ninguém nunca sondara, podiam estar em comunicação com os Infernos” (P. COMMELIN) (91-a).

Assim é que se concretiza, nas línguas indo-européias, essa crença remota, que sofreu também o influxo da tabuização: O

(91) A. MEILLET, *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, 4.<sup>a</sup> ed., p. 400. ERNOUT-MEILLET, *Dict. Étym. de la L. Lat.*, s. v. *inferus*. — É provável que as demais palavras corradicais — **\*inderus**, **\*inderior**, **\*indimus**, **\*indra**, de uso não religioso (?), foram adaptadas às com **-f-**: **inferus**, **inferior**, **infirmus**, **infra**.

(91-a) J. M. PIEL explica o étimo do port. **orca**, “anta, dólmén”, filiando-o ao lat. **ercus**, “inferno”, e justifica-o com “a tendência da fantasia popular para interpretar uma caverna profunda como sendo uma entrada do inferno”. E lembra o topônimo port. **Poço do Inferno**. A isto acrescentamos o **Beco do Inferno** da velha Curitiba, hoje **Travessa Marumbi**. A propósito, v. BERNARDES, *Nova Floresta*, II, 1949, p. 269.

latim **fundus**, “fundo da terra, etc.”, dizem ERNOUT e MEILLET (92), “pertence a um grupo de palavras evidentemente aparentadas mutuamente, mas cujas formas diferem muito para que se possam estabelecer originais indo-europeus”. E continuam: “A explicação dêsse fato — que é de caráter religioso — foi dada por VENDRYÈS. Êste, relacionando-o com o vocábulo **mundus**, que designava uma cavidade hemisférica encravada no solo por onde se comunicava com o mundo subterrâneo, admite o parentesco com aquêle. Não resta dúvida; trata-se de deformação fonética de natureza tabuística.

Vamos enfileirar os vários correspondentes aparentados entre si e daquelas palavras (indicam solo, mundo, caverna, abismo, fundo, profundo, vale, garganta de montanha, etc.): 1.º sânscr. **budhnáh**, alto alemão ant. **bodam**, grego **buthós**; 2.º zende **buna**, irlandês **bond**, grego **púndax**; 3.º eslavo antigo **duno**, lit. **dùgnas**, armeno **-dundk**, gaulês **dubnodumno-**, lit. **dubús**, **daubà**, iri. **domain**, **domun**, esl. ant. **dubri**, **dupuka**, **dupinu**, **duplu**, gót. **diups**, médio alto alem. **tobel**.

Distinguiam-se nos infernos quatro regiões principais — o Érebo, o Inferno dos maus, o Tártaro e os Campos Elísios, morada feliz das almas virtuosas.

“No Érebo viam-se os palácios da Noite, do Sono e dos Sonhos; era a morada de Cérbero, das Fúrias e da Morte. Era aí que erravam durante cem anos as desgraçadas sombras cujos corpos não tinham recebido sepultura” (P. COMMELIN).

As sombras foram tidas como almas dos vivos. Na Grécia como na Itália, a palavra que indica “sombra”, está potenciada de idéias sobrenaturais: O grego **skiá**, além de simples sombra, quer dizer “sombra dos mortos” e “fantasma”, como o sinônimo **skótos**, “trevas”, “trevas da morte” “trevas do inferno”, “infernos”. Em latim, **umbra** vale também por “sombra dos mortos”, “espectro” (**umbrarum rex** é Plutão, rei dos Infernos — Ovídio); **umbrae**, além de “sombras dos mortos”, é também “infernos”; **umbrare manes** é “encerrar os manes nas trevas”.

A sombra é personificada. em grego, sob a expressão **nukteropos** (93), que se traduz “vista ou face da noite”.

(92) Dict. Étym. Lat., s. v. **fundus**, **mundus**.

(93) In EURÍPIDES apud BAILLY, Dict.

Em guaiakui (idioma indígena do Paraguai), **Anyavé** significa "sombra" e é o nome de um gênio do bem e do mal (G. T. BERTONI).

Entre os Bacairis, a morte é a separação definitiva do corpo efetuada pela sombra (= alma) (94).

Entre os Mundurucus, "sombra" e "espírito" são uma mesma palavra (**axik** ou **bihumbök**).

O grego **thánatos**, "morte", o gótico **dauthus**, o alemão **tod**, estão assentes na idéia de "trevas"; são corradicais do sânscrito **dhvanta-**, "escuridão".

Entre os Nhandevas ou Guaranis, cada indivíduo possui três almas, "visíveis em forma de sombras". Uma delas — **anguêry** — a da esquerda, é "ruim": "faz mal; traz doença e às vezes a morte" (94-a). É curioso que ela vagueia não só de noite, mas também ao meio-dia.

Em tupí, **anga** quer dizer "sombra" e "alma".

Entre os Basutos (África sueste), **Modimo** ou **Morimo** é o nome de um deus terrestre, espírito, fantasma, cujo radical — **di, dim** — quer dizer "negro, escuro" (95).

**Adaeg** ou **Ataecina** é uma deusa da Lusitânia céltica; trata-se de uma divindade infernal. O nome é cognato do irl. **adaig**, "noite" (95-a).

A herança das crenças antiqüíssimas está presente também no português: **sombra**, "alma, espírito, visão, fantasma; a região dos mortos", **assombrado**, **malassombrado**, **assombramento**, **assombrar**, **assombração**, **sombrio**, etc.

**Negra**, popularmente, em Portugal, quer dizer "morte" (J. S. CORREIA).

Assim se explica, pois, que em grego o nome da "noite", das "trevas", etc., tabuizado, apresenta-se multiforme, como que, alterando-se-lhe os fonemas, exconjuram-se as potências maléfi-

(94) "As sombras dos Bacairis mortos vão para o céu, junto dos antepassados" (K. VON DEN STEINEN, *Entre os Aborígenes do Brasil Central*, S. Paulo, 1940, p. 449).

(94-a) EGON SCHADEN, *Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní*, S. Paulo, 1954, p. 128 e segs.

(95) O. ASSIRELLI, *Africa Polyglotta*, Bolonha, 1938, p. 338.

(95-a) C. HERNANDO BALMORI "apud" ANTONIO TOVAR, *Latín vulgar, latín de Hispania* "in" *Jornal de Filol.*, S. P., 8, 1955, p. 85.

cas das trevas: **dnóphos** = **gnóphos**, “obscuridade, trevas” = **zóphos**, “escuridão, trevas dos infernos”; **dnopherós** = **zopherós** = **psepharós**, “sombra” = **pséphas** = **pséphos**, “escuridão”; **knéphas**, **knéphos**, “obscuridade, crepúsculo” = **knephaios**, “sombra”. Contudo, criou-se uma palavra nova — **euphróne**, verdadeiro eufemismo que, todavia, coincide subrepticamente no fonema medial **-ph-**, como que não querendo ficar isolado. **Euphróne**, “a noite”, “a escuridão”, quer dizer “a benevolente, a benfazeja, a conselheira”.

VENDRYÈS cita outra metáfora para “noite” **-abróte-** “a em que não há ninguém” (96). Trata-se de antífrase, expediente tabuístico, como que a dizer “onde não há espíritos”.

Mais de um vocábulo possuía o sânscrito para a idéia de “noite”: **nisa**, **ratri**, e outros, além de **nakt-**, como membro de composto.

O que aconteceu com o grego, igualmente se verificou nos idiomas germânicos — desfiguramento do vocábulo que traduz “escuro”, e o fenômeno remonta à fase árica: alto alem. ant. **demar**, anglo-sax. **thimm**, sânscr. **támas-** (com **t-** indo-eur.), mas nórdico ant. **dimmr**, anglo-sax. **dim(m)**, sueco ant. **dimbar**, alto alem. ant. **timbar** (com **dh-** i.-e.).

Parece que se pode aliar a forma **demar** ou **timbar** (deriv. de \***timmar**) com o lat. **umbra**, isto é, \***ummra** (com **t-** ou **d-** perdido). Para a variação vocálica, cp. letão **timsa**, **tumsa**, “escuridão”.

Curiosa é a forma do bretão **teffal**, “sombra”, que, de certo modo, lembra o irlandês ant. **temel**, “trevas”.

Corradical das formas com a labial **-m-** é a série com **-n-**: alto al. ant. **finstar**, **thinstar**, **dinstar** = lat. **tenebrae** (97) = alem. **dunkel**, alto al. ant. **tunchal** (98), frisão ant. **diunk** (99) = védico **ándhah**, “escuridão” = línguas eslavas **teni**, **seni**, **steni**, “sombra”.

Outra oposição verifica-se na inicial entre o lat. **fuscus**, “fosco, escuro”, anglo-sax. **dox**, “escuro”, com **dh-** i.-e., e anglo-sax.

(96) **Le Langage**, 1921, p. 259.

(97) Não é questão dirimida, se **tenebrae** provém de \***tem-** (E. M., **Dict. Étym. de la L. Lat.**, s. v.).

(98) São dignas de reparo as formas germ. **tunchal**, **dunkel** com as neocélticas **teffal**, **temel**.

(99) Observa-se aí a variação vocálica **i** e **u** com as formas dotadas da labial **-m-**.

**ge-thuxad**, “escuro”, com **t-** i.-e., ou anglo-sax. **deorc**, “escuro”, **deorcung**, “crepúsculo”, com **dh-** i.-e., frente ao anglo-sax. **theorcung** “crepúsculo”, com **t-** indo-europeu.

Nota-se uma esquisita “correspondência” **-sp-** = **-k-**, na idéia de “tarde”, entre o latim **vesper**, grego **hésperos**, de um lado, e, de outro, o lituano **vākaras**, eslavo ant. **vetcheru**, gaulês **ucher** e armeno **gisher**; o irlandês parece participar das duas séries sob a forma **fescor**. Acrescente-se ao conjunto o germ. **west**, “oeste, ocidente” (100).

À forma acima do grego **knéphas**, “escuridão, crepúsculo”, corresponde esquisitamente o sânscrito **ksap-** e o sabino **\*crepeso-**. Este, provável, passou ao lat. **crepus(culum)**, **creper**.

Em várias línguas, palavras que indicam “escuridão da noite, crepúsculo” apresentam-se sob a forma do plural. Não se trata de aspecto do aumentativo, mas de recurso eufemístico, pois a idéia do singular nos leva a uma determinação que, na concepção supersticiosa, predispõe ao perigo, o que não sucede com o plural, pois é modalidade de generalização. Sirvam de exemplo o lat. **tenebrae**, **umbrae**, o sânscr. **tamisrah**, **tamasi**, o lituano **tám-sumai**, **tamses**, o grego **skótoi**, **dnóphoi**, etc. (HAVERS). HOME-RO, em vez de “noite e dia”, usa da fórmula **núktas te kai hêmar**, i. é, “noites e dia” (100-a).

\* \* \*

Diz MEILLET que o nome do “sono” em grego (**húpnos**), em latim (**somnus**), etc., é do gênero masculino, porque “o sono é uma fôrça poderosa que submete os homens à sua vontade”. Por outro lado, é do gênero neutro “o objeto que aparece no sono” — o sonho: **enúpnion** em grego, **somnium** em latim, **súnije** em eslavo, **svápn(i)yam** em sânscrito (100-b).

Trata-se, muito plausivelmente, do recurso de neutralizar as fôrças malvadas que freqüentemente se manifestam através dos sonhos, sempre temidos em todos os povos.

\* \* \*

Os Araucanos designam com nomes especiais os animais, conforme estejam falando de dia ou à noite. Durante as horas

(100) Para a semântica, cp. gr. **hespéra**, “oeste”, e **zéphuros**, “\*tarde”, “\*oeste”, isto é, “\*escuro”.

(100-a) MEILLET, *Linguistique Hist. et Ling. Gén.*, I, Paris, 1926, p. 226.

(100-b) *Ibidem*, p. 222.

de trabalho, o jaguar é chamado por seu próprio nome — **aroá**; quando, todavia, é escuro, dão-lhe a denominação de **kabadaro**, i. é, “as garras”.

Em regiões da Índia, a cobra, à luz do dia, é **samp** (= sânscr. **sarpa**); de noite é **dushmen**, “inimigo” (vocábulo persa).

Na Índia, a rapôsa, à noite, não é citada pelo seu nome.

Os Russos da Sibéria estão convencidos de que os espíritos maus aparecem à meia-noite e desaparecem ao cantar do galo. E aquele que dirige a palavra a um chefe depois do crepúsculo, deve empregar outro nome e perífrases.

Também para a própria noite empregam-se na Índia substitutivos ou palavras encobertas, de que é muito rico o sânscrito.

Os pescadores da baía de Patani (Península malaia) têm uma linguagem especial mais obrigatória de noite que de dia.

As histórias do Bechuanas (África do sul) somente são narradas antes do pôr-do-sol. Em caso contrário, cairiam as nuvens nas cabeças de todos.

A terra dos Francos, ao norte das Gálias, foi dividida, no tempo dos Merovíngios, em duas partes — uma a leste, a **Áustria** < germ. **auster**, “oriental”, e outra, a oeste, a **Neustria** < **Neu Austria**, “Nova Áustria”, em vez do germ. **wester**, “ocidental”. Há tabu com referência ao oeste, ao ocidente.

Os Godos ocidentais se chamam **Wisigothi** (Visigodos); não quer dizer “Godos do oeste”, mas “Godos bons, excelentes” (101). Isto é devido, segundo KRETSCHMER, a um antigo receio supersticioso à denominação das terras e dos povos do ocidente, como região dos mortos e sede dos espíritos, terras de sombras (102), poi aí desaparece a luz do Sol e domina totalmente a noite (102-a).

---

(101) M. SCHÖNFELD, *Wörterbuch der Altgermanischen Personen und Völkernamen*, Haidelbergue, 1911, p. 268. E **Ostrogodos** são os Godos do Leste, i. é, “da luz, do sol nascente”.

(102) HAVERS, § 48, p. 102.

(102-a) Os Guaranis enterram “os mortos (em posição deitada) com os pés para o nascente” — a fim de, explicou o índio Capitão Alberto — “o espírito encontrar o caminho do Sol”. “Na realidade, acrescenta EGON SCHADEN, trata-se da ida para o **yvy' mará ey'm**, o paraíso místico dos Guaraní, que muitos acreditam estar situado na direção de leste” [Terra sem males] (“Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní”, S. Paulo, 1954, p. 158-159).

## ADENDA:

Ao cap. 9 — tabus em nomes de autoridade:

“Um a faqui de Almeria (séc. XI), ouvindo a um judeu, vizir do rei, repetir **ya Mohammadel** [diminutivo familiar] para chamar um moço cujo nome era **Mohammad**, matou com uma pedrada o vizir, sem dúvida indignado por ouvir o nome do profeta sob essa forma vulgar irreverente” (M. Pidal, “Orígenes del Español”, 3.º ed., p. 151).

Ao cap. 10 — tabus em nomes religiosos:

No italiano, agora desusado, a exclamação **affé di Dio**, “à fé de Deus”, por um voto ou juramento ou ameaça, apresentava-se eufemisticamente — **affeddedieci**, **affeddedina** (Zingarelli, “Vocab.”).

Deformações voluntárias usadas no espanhol do fim do séc. 16: **pardiós**, **pardiego**, **pardiola**; a fim de não dizerem — **voto a Dios** — empregavam: **voto no a Dios**, **voto a nadie**, **voto a briós**, **voto a rus**, **voto a diez**, **voto a ños**, **por Santoval**, **voto a San Junco**, **voto a sanes**, **pese a diez**. **juro a mi**, **voto al chápiro** (“Rev. Port. de Filol.”, 1948, p. 420).

Admite-se que o lat. **blastemare** ou **blastimare** é uma forma dissimilada de **blasphemare** (Ernout-Meillet). Será isto suficiente? E’ provável que houvesse aí uma intenção.

Ao cap. 12 — Tabus em nomes de espíritos malignos:

São Jerônimo chamou ao demônio **Ninguém** — “Nomine persequente, id est daemone” (Pe. M. Bernardes, “Nova Floresta”, II, 1949, p. 291).

No latim eclesiástico, era o demônio também chamado **anti-quus hostis**, **antiquus serpens**; ao lado de **diabolus** empregou-se **zabulus** (Aqui houve deformação? O **z** era pronunciado **dz**).

**Má-geira** (feminino) é um provincianismo beirão, e quer dizer “diabo” (Figueiredo). Será o mesmo que **megera**? Outro provincianismo beirão, com o mesmo sentido, é **provinco** (Figueiredo). E provincianismo sem outra determinação — **zarapelho** (Figueiredo), também aplicado ao demo.